



Sábado	Periodicidade: Semanal	Temática: Diversos
	Classe: Informação Geral	Dimensão: 710
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
	Tiragem: 116250	Página (s): 8/9
05-09-2013		

Opinião

JOSÉ PACHECO PEREIRA Professor



A lagartixa e o jacaré

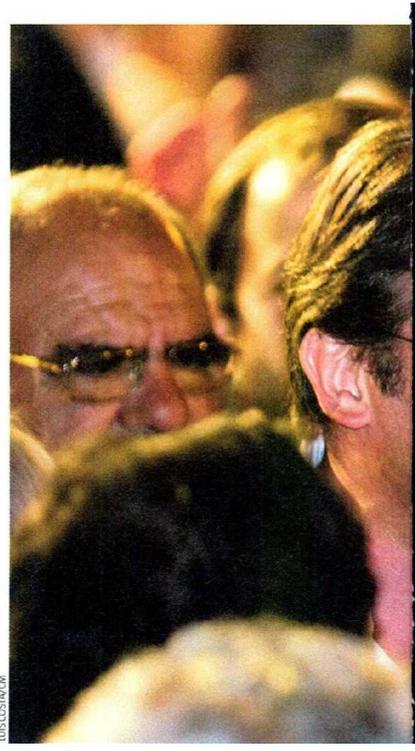
Como é possível que em democracia sejam os poderes fácticos, a começar pelo do dinheiro, o terreno “natural” onde se move o poder político, neste caso o primeiro-ministro? O Governo não vê de facto os portugueses como iguais

do, Jorge Tomé, Luís Amado, Mira Amaral, etc? Quantas vezes esteve com banqueiros ou gente da banca e quantas vezes esteve com sindicalistas?

A pergunta pode parecer bizarra até porque ninguém a faz, mas tem todo o sentido. Nem sequer me estou a referir a audiências mais ou menos protocolares, mas a eventos que o primeiro-ministro organiza, frequenta, ou em que participa. Os banqueiros que se sentam com o primeiro-ministro em sessões organizadas pela imprensa económica, por exemplo, por organizações empresariais, em visitas às empresas, ou em “cerimónias” a anunciar investimentos e programas governamentais.

Escolho como contraparte sindicalistas, sabendo que não é o exemplo perfeito, nem a comparação ideal. A comparação ideal seria com trabalhadores, torneiros, marceneiros, soldadores, carpinteiros, operários e operárias têxteis, enfermeiros, professores, funcionários públicos, empregadas de limpeza, agricultores, trabalhadores dos serviços municipais, empregados de mesa, etc. Ou seja, a maioria dos portugueses. E a maioria dos portugueses que está do lado errado da crise.

Talvez a resposta a esta pergunta, ou seja, que não há comparação entre a “frequência” dos banqueiros e a dos sindicalistas, em extremo desfavor destes últimos, nos elucide sobre as características da actual governação. Anoto já as objeções que não valem muito, a começar pela mais óbvia: a de que a natureza financeira da crise justifica mais a frequência dos banqueiros do que a dos sindicalistas. Porquê? Acaso a natureza social da crise não é pelo menos tão relevante para o Governo como a crise financeira? E acaso o primeiro-ministro não faz parte de um partido que se chama “social-democrata”, algo que costuma fazer erguer os sobrolhos dos “conservado-



LUIS COSTA/CM

res”, ou seja, um partido que formalmente tem ligações com o mundo do trabalho?

Claro que me podem vir com o interessante argumento (que é mais marxista do que os seus utilizadores querem admitir) de que o terreno da crise que os banqueiros “representam” é o da infra-estrutura, o da “economia” no sentido quase metafísico com que a palavra é usada, ou o da “realidade”, no sentido, umas vezes ontológico e outras normativo, com que é usado. Então aí, a coisa fia mais fino, porque esta redução do poder económico ao controlo da economia e a redução da economia às finanças e às empresas, esquece tudo o que é social, trabalho, rendimentos, con-

Out of the box: escolhas

Posso formular a questão nestes termos: quantas vezes, no último ano, Passos Coelho esteve na mesma sala com Arménio Carlos da CGTP ou com Carlos Silva da UGT, ou Bettencourt Picanço, que é um militante do PSD, e quantas vezes esteve com Ricardo Salgado, Fernando Ulrich, Nuno Ama-

Quem nasceu para lagartixa nunca chega a jacaré PROVÉRPIO POPULAR



dições de vida, qualidade da mão-de-obra, educação, os mil e um factores intangíveis que fazem uma sociedade quando esta é vista do lado da democracia e não de qualquer cesarismo, mesmo que canhestro.

Não estou a dizer que seja pestífero andar com os banqueiros ao lado, à frente ou atrás, quase sempre ao lado. Não é esse o meu ponto. É natural que o primeiro-ministro frequente banqueiros, já não é natural que, se colecionarmos fotografias de eventos, listas de participantes, encontros sociais e para-sociais, seja muito mais comum ver Passos Coelho com Ricardo Salgado do que com Carlos Silva. Se descontarmos as reuniões mais ou menos

obrigatórias da concertação social, então é que um dos mundos está tão próximo como os protões e os neutrões e o outro como a Terra ao buraco negro mais próximo. Ora, insisto, se quisermos, como agora se aconselha, pensar *out of the box*, isto não é de todo natural. Ou é.

A não ser que se entenda que seja normal que o primeiro-ministro, homem de poder, conviva com os outros homens e mulheres de poder, cuja lista tão bem o *Jornal de Negócios* tem feito, na sua rede de relações, interesses, cumplicidades, *establishment* e intermediários, e então a questão é ainda mais delicada: como é possível que em democracia sejam os poderes fác-

ticos, a começar pelo do dinheiro, o terreno "natural" onde se move o poder político, neste caso o primeiro-ministro?

A questão não está em que os sindicalistas sejam *expendables* para o primeiro-ministro. Não são, nem para o Governo que procura no institucionalismo e nos interesses estatais dos sindicatos (o nosso sindicalismo depende muito do Estado, principalmente a UGT) um factor de moderação e legitimação que sabe que não tem nos seus representados. Por isso os sindicalistas são "precisos", mas apenas de forma utilitária, enquanto os banqueiros são precisos de forma substancial.

O Governo não vê de facto os portugueses como iguais: pode entrar em considerações de número (em períodos eleitorais) mas entra muito mais em considerações de dinheiro. Portugueses há muitos e dinheiro há pouco. Poder no dinheiro há muito, nos portugueses nenhum, a não ser para umas publicidades optimistas e pirosas. São escolhas. ●

